

A Aliança dos Estados do Sahel e os Desafios à Integração Regional Africana: Implicações para a União Africana e a CEDEAO¹

 Eugénio Costa Almeida²

Recebido: 13.10.2025
Aceito: 20.10.2025
Publicado: 04.11.2025

Resumo: O Golpe militar da República da Guiné e, mais concretamente, a formação da Aliança dos Estados do Sahel (AES), composta por Mali, Burkina Faso e Níger, representa uma das mais profundas rupturas políticas e institucionais no espaço da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e, por consequência, um desafio directo à União Africana (UA). A crise revela-se não apenas como um processo de realinhamento estratégico e securitário, mas também como um reflexo da fragilidade das instituições regionais perante a ascensão de governos militares, o aumento da presença de grupos para-militares externos, como os de origem russa, e o agravamento da instabilidade social e humanitária. Este estudo analisa de forma crítica os antecedentes históricos que levaram ao surgimento da AES, as consequências imediatas para a integração regional africana e os impactos sobre a UA e as organizações sub-regionais, em particular a CEDEAO. Examina-se igualmente o papel que o actual presidente em exercício da UA, João Lourenço, pode desempenhar na mediação das duas crises no Sahel e nas negociações futuras entre os blocos regionais. A pesquisa fundamenta-se em relatórios oficiais, fontes primárias e secundárias, bem como em estudos académicos recentes, oferecendo uma visão abrangente sobre os desafios e as possibilidades de recomposição do espaço político africano no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Aliança dos Estados do Sahel; República da Guiné; União Africana; CEDEAO; Integração Regional; João Lourenço; Segurança Internacional.

The Alliance of Sahel States and the Challenges to African Regional Integration: Implications for the African Union and ECOWAS

Abstract: The military coup in the Republic of Guinea and, more specifically, the formation of the Alliance of Sahel States (AES), composed of Mali, Burkina Faso, and Niger, represents one of the deepest political and institutional ruptures within the space of the Economic Community of West African States (ECOWAS) and, consequently, a direct challenge to the African Union (AU). The crisis reveals itself not only as a process of strategic and security realignment, but also as a reflection of the fragility of regional institutions in the face of the rise of military governments, the growing presence of external paramilitary groups—such as those of Russian origin—and the worsening of social and humanitarian instability. This study critically analyzes the historical antecedents that led to the emergence of the AES, the immediate consequences for African regional integration, and the impacts on the AU and sub-regional organizations, particularly ECOWAS. It also examines the role that the current AU Chairperson, João Lourenço, may play in mediating the dual crises in the Sahel and in future negotiations between regional blocs. The research is based on official reports, primary and secondary sources, as well as recent academic studies, providing a comprehensive view of the challenges and possibilities for the reconfiguration of the African political space in the contemporary context.

Keywords: Alliance of Sahel States; Republic of Guinea; African Union; ECOWAS; Regional Integration; João Lourenço; International Security.

La Alianza de los Estados del Sahel y los desafíos para la integración regional africana: implicaciones para la Unión Africana y la CEDEAO

Resumen: El golpe militar en la República de Guinea y, más concretamente, la formación de la Alianza de Estados del Sahel (AES), integrada por Malí, Burkina Faso y Níger, representa una de las rupturas políticas e institucionales más profundas en el espacio de la Comunidad Económica de Estados de África Occidental (CEDEAO) y, por consiguiente, un desafío directo a la Unión Africana (UA). La crisis se revela no solo como un proceso de realineamiento estratégico y de seguridad, sino también como un reflejo de la fragilidad de las instituciones regionales ante el auge de los gobiernos militares, el aumento de la presencia de grupos para-militares externos, como los de origen ruso, y el agravamiento de la inestabilidad social y humanitaria. Este estudio analiza de forma crítica los antecedentes históricos que llevaron al surgimiento de la AES, las consecuencias inmediatas para la integración regional africana y los impactos sobre la UA y las organizaciones subregionales, en particular la CEDEAO. También se examina el papel que el actual presidente en ejercicio de la UA, João Lourenço, puede desempeñar en la mediación de las dos crisis en el Sahel y en las futuras negociaciones entre los bloques regionales. La investigación se basa en informes oficiales, fuentes primarias y secundarias, así como en estudios académicos recientes, y ofrece una visión global de los retos y las posibilidades de recomposición del espacio político africano en el contexto contemporáneo.

Palabras clave: Alianza de los Estados del Sahel; República de Guinea; Unión Africana; CEDEAO; Integración regional; João Lourenço; Seguridad internacional.

¹ DOI: <https://doi.org/10.4314/academicus.v3i2.15>

² Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL) E-mail: eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt e elcalmeida@gmail.com

Introdução

A região do Sahel e a República da Guiné tornaram-se, nos últimos 5 anos, epicentros de profundas transformações políticas, militares e sociais, que têm repercussões não apenas no plano interno de cada Estado, mas também em toda a configuração da segurança e do desenvolvimento regional africano. As crises político-militares verificadas em Burkina Faso, Mali e Níger, assim como a instabilidade recorrente na República da Guiné (ou Guiné, como será designada, ora avante), não são acontecimentos isolados, mas antes manifestações de dinâmicas históricas, económicas, geoestratégicas e institucionais que atravessam o continente africano e que refletem a fragilidade das estruturas estatais herdadas do período colonial, o peso da intervenção de actores externos e a incapacidade das elites nacionais em garantir pactos sociais estáveis.

Desde a independência, o Sahel tem sido caracterizado pela combinação paradoxal de vastos recursos naturais – a maioria explorado por terceiros externos (Ribeiro, 2023 e León, 2025) – e subdesenvolvimento crónico, associado a níveis alarmantes de pobreza, exclusão social e fraca presença do Estado. Esses factores criaram condições favoráveis para o florescimento de conflitos armados, insurgências *jihadistas* e golpes militares sucessivos, que corroem as bases da democracia e dificultam a construção de instituições resilientes. A Guiné, embora localizada fora do cinturão saheliano, compartilha dessa mesma herança de instabilidade, marcada por disputas de poder, fragilidade das instituições e frequentes ruturas constitucionais.

No caso específico de Burkina Faso, Mali e Níger, as rupturas institucionais que levaram a sucessivos *Coups d'état* ao longo da última década refletem uma crise mais profunda de legitimidade política e de contestação popular a regimes percebidos como ineficazes na resposta às ameaças securitárias. Ao mesmo tempo, o afastamento destes países da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) e a subsequente criação da Aliança dos Estados do Sahel (AES) (Branco, 2024; Mouaya-Tamba, 2025 e Almeida, 2025) evidenciam não apenas a busca por alternativas regionais de cooperação, mas também um processo de redefinição da arquitetura de segurança africana.

A Guiné, por sua vez, vive, desde 2021, sob um regime de transição militar após a deposição do Presidente Alpha Condé, num contexto de crescente descontentamento popular e contestação à perpetuação de elites no poder. O caso guineense, embora distinto do Sahel, reforça a tendência de militarização da política africana e a dificuldade de consolidação democrática.

Outro elemento incontornável é a presença crescente de actores externos, em especial a Rússia, através de forças para-militares como o Grupo Wagner³, que têm desempenhado um papel ambíguo nas dinâmicas de segurança e instabilidade da região (HRW, 2021). A retracção da presença francesa e ocidental no Sahel abriu espaço para uma nova geopolítica, onde potências emergentes procuram expandir sua influência num tabuleiro cada vez mais fragmentado.

Este ensaio propõe-se, portanto, a analisar de forma sistemática as duas crises político-militares, no Sahel, ou seja, no Burkina Faso, Mali, Níger e Guiné⁴, contextualizando-as historicamente, identificando os actores envolvidos, os factores internos e externos que as alimentam, bem como as consequências regionais e internacionais. Será dada atenção especial à saída dos três países *sahelianos* da CEDEAO, à formação da AES e ao impacto dessa decisão na coesão regional, na integração africana e na própria UA. Importa igualmente refletir sobre as respostas possíveis que a UA poderá adotar diante desses desafios, considerando ainda o papel

³ Em 2023, Rússia decidiu alterar a designação de Grupo Wagner para *Africa Corps* (Bobin, F. & LeCam, 2023); assim, e excepto em citações directas, passarei a designar só por *Africa Corps* (Robert Lansing Institute, 2025; Neto, 2025 e Princewill, 2025).

⁴ Burkina Faso, Mali e Níger são países geográfica e politicamente claramente inseridos no Sahel; já a República da Guiné, ainda que, geograficamente, seja África Ocidental, em geopolítica, tal como Senegal e Mauritânia, está integrado no Sahel.

diplomático de Angola, através do seu Presidente João Lourenço, actual presidente em exercício da organização continental.

Ao longo das análises seguintes, será evidenciado como as crises do Sahel e da Guiné não são apenas questões locais, mas problemáticas globais que envolvem segurança internacional, fluxos migratórios, combate ao terrorismo e disputas geoestratégicas por recursos naturais e por influência política. Dessa forma, o ensaio pretende contribuir para um debate mais profundo sobre os caminhos possíveis para a estabilização e o desenvolvimento da região, destacando as responsabilidades partilhadas entre os países africanos, as organizações regionais e a comunidade internacional.

Metodologicamente, houve vontade de, neste ensaio, se adoptar uma abordagem qualitativa (Glenn, 2009), com base num estudo de caso comparativo centrado na Aliança dos Estados do Sahel. Neste sentido utilizou-se uma análise documental e uma análise de comunicação como principais técnicas de recolha e tratamento de dados. A investigação está enquadrada nas teorias do regionalismo africano e da securitização, com recurso a fontes primárias e secundárias. A metodologia inspira-se em Yin (2018) e George & Bennett (2005) no que concerne ao estudo de caso, Bowen (2009) para análise documental e Fairclough (2003) para análise de discurso político.

Contextualização Histórica e Geopolítica do Sahel e da Guiné

O Sahel constitui uma das regiões mais complexas de África, marcada por uma intersecção de factores históricos, geopolíticos, sociais e ambientais. Esta faixa semi-árida estende-se do Oceano Atlântico ao Mar Vermelho, abrangendo países como Mali, Níger, Burkina Faso, Chade e Mauritânia, só referindo os da área em estudo. A Guiné, embora situada mais a Oeste, complementa este cenário devido à sua posição estratégica no Atlântico e à riqueza de recursos minerais, em especial, bauxite e ouro.

Historicamente, o Sahel funcionou como um corredor de circulação de pessoas, bens e ideias, servindo de ligação entre o Norte africano e a África sub-sahariana. Impérios medievais, como o Mali e o Songhai, consolidaram estruturas políticas centralizadas e fomentaram o comércio transahariano de ouro, sal e escravos (Almeida, 2004: 29-34 e Thurston, 2020). Estes impérios também foram centros de difusão cultural e religiosa, com o Islão assumindo papel central na configuração sócio-política regional.

O impacto do colonialismo europeu foi um factor estrutural da instabilidade actual. Durante a Conferência de Berlim de 1884-1885, as potências coloniais redefiniram as fronteiras sem considerar as divisões étnicas e culturais existentes, fragmentando sociedades e impondo estruturas administrativas artificialmente homogéneas (Almeida, 2004: 46-49). Este legado contribui (ainda) para a fragilidade dos Estados modernos, dificultando a construção de instituições políticas sólidas e eficazes.

A independência política, ocorrida na década de 1960 para a maioria dos países do Sahel, trouxe esperança de consolidação democrática. Contudo, a herança colonial, combinada com desafios internos – como desigualdade social, pobreza extrema, pressões demográficas e desertificação – manteve elevados níveis de vulnerabilidade estatal. A Guiné, independentemente da região do Sahel, seguiu trajectória semelhante: regimes autoritários, golpes militares e transições democráticas incompletas moldaram o cenário político até ao golpe de 2021, que depôs Alpha Condé (Soudan, 2021).

No plano económico, a região enfrenta desafios estruturais profundos. A dependência de actividades agrícolas vulneráveis a secas e mudanças climáticas gera insegurança alimentar crónica (UN, 2022b). A fraca infra-estrutura, limitada conectividade e falta de investimento em sectores estratégicos tornam a economia regional altamente dependente de ajuda externa e exportação de recursos naturais. Estes factores económicos, combinados com instabilidade política, criam um

terreno fértil para insurgências armadas e movimentos extremistas.

A emergência de grupos *jiihadistas* no Mali, Burkina Faso e Níger evidencia a interação entre fragilidade institucional e influências externas. Organizações como Ansar Dine, Al-Qaeda no Magrebe Islâmico e Estado Islâmico no Grande Saara (ver Gráficos seguintes) exploram conflitos locais, disputas étnicas e vulnerabilidade do Estado para expandir sua influência. A presença de actores externos, incluindo França e Rússia, que apoiam governos ou grupos para-militares, acrescenta complexidade ao tabuleiro estratégico (Rotaru, 2023, PressReader, 2025 e Sousa-Galito, 2025).

Grupos Jihadistas no Sahel (e fronteiras) e da África Ocidental e Central

Grupos jihadistas	Filiação Doutrinária	Datas de		Lideranças		Contexto Geográfico
		Criação	Actividade	Inicial	Actual	
Afilados à Al-Qaeda						
Grupo Salafita para a Pregação e o Combate (GSPC)	Sunita Salafista	1998	Início de 2000 (Argélia)	Hassan Hattab	Abu Musab Abdel Wadoud	Adesão à Al-Qaeda, em 2007, torna-se no AQMI
Al-Qaeda no Magrebe Islâmico (AQMI)	Sunita Salafista	Janeiro.2007	Setembro.2007	Abdelmalek Droukdel (2007-2020)	Abdelhamid Abou Zeid	A maioria das ocorrências são no Norte e Leste do Mali, Sul da Argélia, Sul da Líbia, Sudeste da Mauritânia e Norte e Oeste do Níger.
Jama'at Nasr al-Islam wal Muslimin (JNIM)	Sunita Salafista	1.Março.2017	quase de imediato	Ayman al-Zawahiri (AQMI)	Iyad Ag Ghaly	Actua no Magrebe e África Ocidental e em 2025 estendeu a sua actividade no Burkina Faso, Mali e Níger e sul da Mauritânia
Ansar al-Sharia e outros grupos líbios	Sunita Salafista	2011–2012	com a revolução líbia	Líderes locais que variam por região		Actua na Líbia (Fezzan, Sirte, Derna) e nas fronteiras com o Sahel
Katiba Macina	Sunita Salafista (influência wahabita)	2015	2015 (no Mali central)	Líderes locais que variam por região	Amadou Koufa	Apesar de ser afiliada da JNIM, por vezes, actua sozinho junto das comunidades Fulani, no Mali central (Mopti, Ségou), atacando forças e lideranças locais
Ansarul Islam	Sunita Salafista	2016	final de 2016	Ibrahim Malam Dicko († 2017)	Lideranças locais	Tal como com o Katina, este grupo afiliado do JNIM, por vezes, actua, principalmente, no Burkina Faso com táticas de guerrilha rural
Células e redes do Darfur e de Kassala	Sunita Salafista (radical)	entre 2010 e 2020, intermitentes	pós-2010; com aumento após 2023	Lideranças locais e comandantes armados regionais		As zonas de actuação são em Darfur, Kassala, fronteiras com Chade e Líbia

Gráfico 1: Grupos islamitas associados do Al-Qaeda, em África⁵

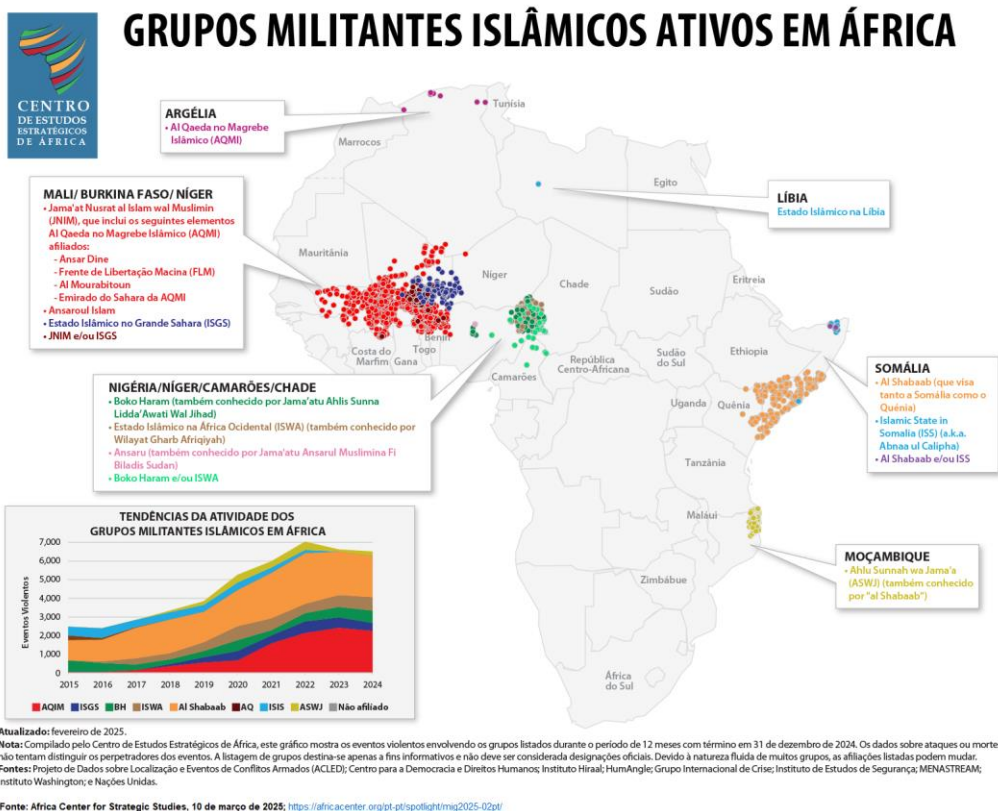
Grupos Jihadistas no Sahel (e fronteiras) e da África Ocidental e Central

Grupos jihadistas	Filiação Doutrinária	Datas de		Lideranças		Contexto Geográfico
		Criação	Actividade	Inicial	Actual	
Afilados ao Estado Islâmico						
Forças Democráticas Aliadas (ADF/ISCAP)	Sunita Salafista (influência síncretismos locais)	1995	até 2013 a actividade era esporádica	Jamil Mukulu	Musa Baluku	Actua, principalmente no Uganda e no Leste da RDC (Kivu Norte e Ituri); no entanto já foi detectado em áreas do Sul da RDC; afiliou-se no ISCAP em 2019
Boko Haram	Sunita Salafista (influência wahabita/deobandita)	2002	2003; a principal fase começa em 2013	Ustaz Mohammed Yusuf († Jul. 2009)	Abubakar Shekau († 2021, não confirmado) e lideranças locais	Actividade no Nordeste da Nigéria (Borno), bacia do Lago Chade (Níger, Chade, Camarões); em 2013, "adere" ao Estado Islâmico
ISIS-Líbia (Wilayat al-Barqa/Wilayat Fezzan)	Sunita Salafista (radical)	13.Nov.2014	2015	Adnan Abu Walid al-Sahrawi	Lideranças locais variáveis	Actua no sul da Líbia (Fezzan), em Sirte e no Leste
Estado Islâmico no Grande Saara (EIGS/ISGS)	Sunita Salafista (radical)	2015	de imediato	Adnan Abu Walid al-Sahrawi († 17.Ago.2021)	Lideranças de comandantes regionais	Actua no Mali (nordeste), Níger (Tillabéri) e Burkina Faso (zonas fronteiriças Norte)
Provincia do Estado Islâmico na África Ocidental (ISWAP)	Sunita Salafista (radical)	07.Mar.2015-2016	2015-2016	Abubakar Shekau (até Ago.2016)	Abou Abdallah Idrisa	Cisão do Boko Haram em 2015; actua na Nigéria (Borno), Níger (Diffa), Lago Chade (Chade, Camarões); em 2016 "adere" ao Estado Islâmico
Estado Islâmico – Provincia da África Central ou Wilayah da África Central (EI-PAC/ISCAP)	Salafista Monoteístas	Abril.2016	Outubro.2017	Abu Yasir Hassan (até 2022)	Baluku, com apoio de comandantes regionais	Agregou o "Estado Islâmico na Somália, Quênia, Tanzânia e Uganda", criado em Abril.2016; actua na RDC, Uganda e Moçambique. É próximo do ADF/ISCAP.

Gráfico 2: Grupos islamitas associados do Estado Islâmico, em África⁶

⁵ Gráfico elaborado pelo autor, em Excel, com base em diferentes fontes internacionais, indicadas, genericamente, no final da Bibliografia.

⁶ Ibidem



Mapa 1: Atividades jihadistas em 2024⁷

A instabilidade militar tem aumentado com uma sucessão de *Coups d'état*: Mali (2020 e 2021), Burkina Faso (2022), Níger (2023) e Guiné (2021) (Matos, 2023; Equere, 2025 e Jornal de Angola, 2025). Estas intervenções reflectem o descontentamento das Forças Armadas com governos civis, acusados de ineficácia na contenção do terrorismo, corrupção e má-gestão. A repetição desses eventos evidencia padrões estruturais de fragilidade política e crises de legitimidade.

O impacto destas crises ultrapassa as fronteiras nacionais. A União Africana (UA), a CEDEAO e outras organizações regionais enfrentam desafios na coordenação de respostas eficazes. A crescente migração forçada, o tráfico de armas e pessoas e o deslocamento de populações fragilizam ainda mais a região. A integração de esforços diplomáticos, militares e humanitários é, portanto, crucial para restaurar estabilidade.

Além dos factores políticos e económicos, as questões sociais são centrais. Disputas entre grupos étnicos, tensões religiosas e desigualdade social alimentam ciclos de violência, enquanto a falta de acesso a educação, saúde e oportunidades de emprego aumenta a vulnerabilidade juvenil. Programas de desenvolvimento sustentável e políticas inclusivas são essenciais para quebrar o ciclo de instabilidade.

A análise histórica e geopolítica do Sahel e da Guiné permite compreender não apenas as crises actuais, mas também os possíveis cenários futuros. O fortalecimento de instituições democráticas, a cooperação regional e o envolvimento responsável de actores internacionais são fundamentais para mitigar riscos e promover estabilidade. Este item estabelece, portanto, as bases para os itens seguintes, nos quais se examinarão os *Coups d'état* recentes, a participação de actores externos e as perspectivas de intervenção diplomática e militar.

⁷ Cf. <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/mig2025-02pt/>.

Coups d'état, Presença de Grupos Para-militares Russos e Impactos Sócio-políticos no Sahel e na Guiné

Nos últimos anos, o Sahel e a Guiné têm sido palco de uma crescente instabilidade político-militar, caracterizada por uma sequência de *Coups d'état* que refletem fragilidade institucional, insatisfação social e pressões externas. Mali, Burkina Faso e Níger foram os países mais afectados, enquanto a Guiné também passou por uma ruptura significativa em 2021 (Equere, 2025 e Matos, 2023); (ver Gráfico 3).

Golpes de Estado no Sahel					
Países em estudo	Datas	Lideranças			Razões do Golpe
		Derrubadas	Revoltosas	Novos/Actuais	
Guiné, Rep. da	5.Setembro.2021	Pres. Alpha Condé	Ten-Cor. Mamady Doumbouya	Ten-Cor. Mamady Doumbouya	Condé, acusado de corrupção e manipulação constitucional para um terceiro mandato
Burkina Faso	24.Janeiro.2022	Pres. Roch Marc Christian Kaboré	Ten.-Cor. Paul-Henri Sandaogo Damiba	Damiba formou o <i>Mouvement patriotique pour la sauvegarde et la restauration</i> (MPSR)	Incapacidade de deter ataques jihadistas que se espalhavam em direção a Ouagadougou
	30.Setembro.2022	Ten.-Cor. Paul-Henri Damiba	Capitão Ibrahim Traoré	Capitão Ibrahim Traoré	Persistência da insegurança e acusações de ineficácia e traição no seio militar
Mali	18.Agosto 2020	Pres. Ibrahim Boubacar Keita	Cor. Assimi Goïta	Comité National pour le Salut du Peuple (CNSP)	Acusação de acusado de corrupção e má gestão
	24.Maio 2021	CNSP (Pres. interino Bah N'Daw)	Cor. Assimi Goïta	Cor. Assimi Goïta (desde Jun.2021)	Exoneração dos ministros militares por parte do presidente interino Bah N'Daw
Níger	26.Julho.2023	Pres. Mohamed Bazoum	Gen.Abdourahamane Tchiani	O golpe estabeleceu o Conseil National pour la Sauvegarde de la Patrie (CNSP), mas o líder efectivo é o Gen. Tchiani.	Disputas políticas e insegurança, além de receios pessoais de marginalização

Gráfico 3: *Coups d'état* ocorridos nos últimos anos nestes países⁸

Como se pode verificar no referido Gráfico, todos os golpes são de origem militar. O Mali, quem iniciou os mais recentes *Coups d'état* regista dois golpes consecutivos, ambos liderados pelo coronel Assimi Goïta (ICG, 2021). Estes golpes foram precedidos por protestos populares motivados por falhas do governo em conter a insurgência *jihadista* e corrupção generalizada (Espanol & Naranjo, 2021). A intervenção militar revelou a fragilidade das instituições democráticas e a dependência das forças armadas para restaurar a ordem pública. Por sua vez, o Burkina Faso também registou dois *Coups d'état* sendo o mais actual e o que mais impacto está a registar, em particular, junto da camada mais jovem, o liderado capitão Ibrahim Traoré (Sedgwick, 2022). Ambos foram justificados pela incapacidade de conter a violência *jihadista*, mas refletem também tensões internas nas forças armadas, disputas de comando e divergências sobre estratégias de segurança. No Níger, o golpe foi liderado pelo coronel Abdourahamane Tchiani, derrubando o presidente Mohamed Bazoum, devido padrões semelhantes de insatisfação militar e pressão social (Mougin, 2023). Já na Guiné, o golpe de Setembro de 2021, liderado pelo coronel Mamady Doumbouya, derrubou o Presidente Alpha Condé, acusando este de corrupção e manipulação constitucional para um terceiro mandato, além de refletir a incapacidade do governo de garantir segurança e desenvolvimento económico (Soudan, 2021).

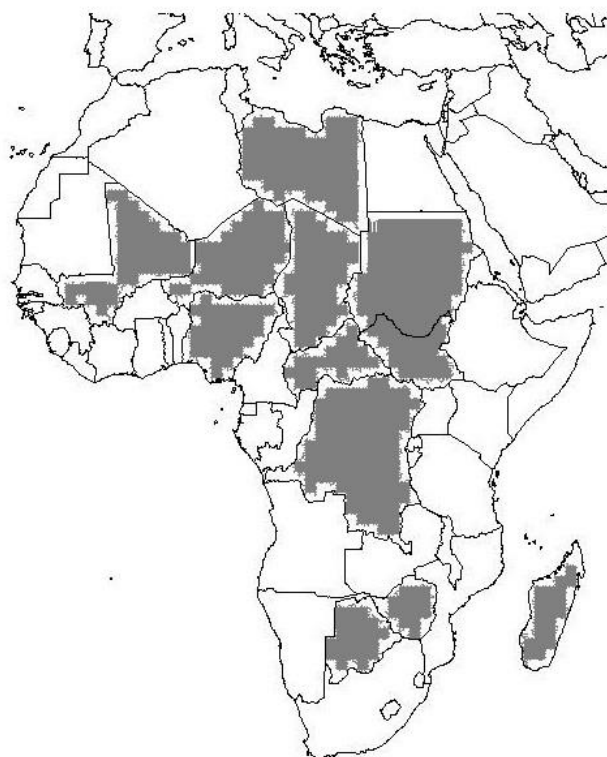
Um elemento crucial e recentemente mais proeminente na região é a presença de grupos para-militares russos, como o *Grupo Wagner/Africa Corps*. Estes grupos têm fornecido apoio militar directo, treinamento e consultoria estratégica às forças armadas locais, especialmente em

⁸ Gráfico elaborado pelo autor, em Excel, com base em diferentes fontes internacionais, indicadas, genericamente, no final da Bibliografia

Mali, Burkina Faso e Níger (Bryjka & Czerep, 2024). Embora tenham sido inicialmente recebidos como aliados na luta contra insurgentes *jihadistas*, a presença do Wagner tem causado impactos sociais significativos: populações locais denunciam abusos, violência e intimidação, gerando antipatia e desconfiança generalizada (HRW, 2024 e Neto, 2025). Esta situação contribui para o desgaste da legitimidade dos governos militares e aumenta tensões comunitárias, criando um ciclo de instabilidade e resistência social (Ibidem).

O impacto político da presença de grupos para-militares russos é igualmente profundo. Em muitos casos, e como alerta Thoms (2023) o apoio do *Africa Corps* fortalece temporariamente os regimes militares, mas cria dependência externa e limita a autonomia estratégica dos governos locais; economicamente, contratos com empresas militares privadas desviam recursos públicos e podem favorecer interesses estrangeiros em detrimento do desenvolvimento nacional; e socialmente, a população enfrenta deslocamentos forçados, violações de direitos humanos e aumento da insegurança nas áreas onde estes grupos operam (Almeida, 2025: 55-56).

Actividades do Grupo Wagner / Africa Corps em África



Fonte: DW, 2023, citando Projeto de Ameaças Transnacionais CSIS (2022), Instituto Polonês de Assuntos Internacionais (PISM), Instituto de Estudos Estratégicos dos Grandes Lagos (GLISS), MOLFAR

Mapa 2. Actividades do Grupo Wagner e Africa Corps desde 2014 (na Líbia)⁹

A nível regional, a CEDEAO enfrenta desafios para manter a estabilidade e coesão, visto que os golpes e a influência externa comprometem a implementação de políticas comuns de segurança e de integração. A AES surge como um bloco alternativo, procurando coordenação militar e política independente, embora ainda dependente de apoios externos. A UA, sob liderança do presidente João Lourenço, exerce papel crítico na diplomacia continental, mediando conflitos, promovendo diálogo entre governos militares e incentivando a restauração da governação democrática (Africa-Press, 2025).

Este cenário evidencia que os *Coups d'état* no Sahel e na Guiné são fenómenos inter-ligados

⁹ Mapa elaborado pelo autor, com base num mapa inter-activo da DW, 2023, em artigo de Silja Thoms.

com factores internos (fragilidade institucional, pobreza, desigualdade) e externos (apoio para-militar russo, presença militar de França, ONU, UE). O entendimento detalhado destas dinâmicas é essencial para formular políticas de prevenção, mediação e reconstrução institucional, considerando tanto os impactos imediatos como os efeitos estruturais na estabilidade regional.

Impactos Económicos e Sociais da Instabilidade no Sahel e na Guiné

Como é natural a instabilidade político-militar no Sahel e na Guiné produz efeitos profundos e duradouros sobre a economia, a sociedade e as estruturas governamentais locais. Os *Coups d'état* frequentes e a presença de forças para-militares estrangeiras, resultam em mudanças abruptas de liderança, podem causar – e causam – perda de confiança tanto em investidores nacionais como estrangeiros. Esta situação cria um ciclo de fragilidade institucional que afecta todos os sectores da sociedade, desde a educação até a saúde pública, contribuindo para a marginalização de populações vulneráveis.

a. Impacto Económico

A economia dos países afectados pela instabilidade militar sofre severamente em vários níveis. Primeiramente, a confiança de investidores estrangeiros e locais é prejudicada, levando a adiamentos ou cancelamentos de projetos de infra-estrutura e investimentos estratégicos (Gemayel, 2025). No Mali, por exemplo, empresas de mineração e transporte reduziram significativamente suas operações após os golpes de 2020 e 2021, causando perda de empregos e retração da arrecadação fiscal (World Bank, 2022); já no Burkina Faso, apesar da forte campanha de Traoré, as condições de segurança, económicas e humanitárias do país continuam a deteriorar-se¹⁰.

Como reporta Rugwe (2025) num relatório do *United Nations Development Programme* (UNDP), estas situações aumentam os custos de operação das empresas privadas, que muitas vezes precisam contratar segurança adicional ou reduzir as suas actividades em áreas de risco. Além disso, a fuga de capitais e a desvalorização das moedas locais intensificam a volatilidade económica, afectando, directamente, as populações mais pobres e agravando a desigualdade social.

A Guiné, embora menos exposta ao terrorismo do Sahel, apresenta um cenário semelhante, devido aos golpes. Segundo George & Jones (2023), para se ter uma ideia dos impactos dos *Coups d'état* na Guiné e no Mali, estes perderam entre 12 e 13,5 mil milhões de dólares das economias num período de 5 anos, representando 76% do PIB guineense e quase metade do PIB do Mali.

b. Impacto Social

O impacto social da instabilidade é igualmente profundo. A insegurança generalizada gerada pelos *Coups d'état*, pela presença para-militar estrangeira e pelos conflitos armados regionais leva ao deslocamento interno e transfronteiriço de populações, resultando em campos de refugiados super-lotados e insuficientemente equipados. Segundo a Organização Internacional das Migrações (OIM), apenas em 2022, centenas de milhares de pessoas foram deslocadas no Mali, Burkina Faso e Níger, criando pressões adicionais sobre países vizinhos (Fomekong, 2022).

O sistema educacional é directamente afectado, com escolas fechadas em áreas de conflito e professores fugindo de regiões instáveis; no sector de saúde, hospitais e centros de atendimento enfrentam interrupções no fornecimento de medicamentos e no atendimento regular, enquanto a população vulnerável sofre aumento de doenças e malnutrição.

c. Impacto Político

Politicamente, os *Coups d'état* alteram drasticamente o equilíbrio de poder e enfraquecem

¹⁰ Cf. <https://africacenter.org/spotlight/security-narratives-burkina-faso/>.

instituições democráticas. Governos militares frequentemente substituem lideranças civis com pouca consulta popular, reduzindo a transparência e a prestação de contas. No caso do Mali, a segunda intervenção militar consolidou o poder de Assimi Goïta, mas gerou tensão com a CEDEAO e organismos internacionais (Edds-Reitman, & Boakye, 2024).

A presença de grupos para-militares estrangeiros, fornecendo suporte militar e estratégico, fortalece temporariamente os regimes militares, mas cria dependência de actores externos e limita a autonomia decisória dos governos locais, aumentando a percepção de ingerência estrangeira que pode prolongar a instabilidade política (Uvere, & Onyendi, 2025).

d. Consequências Regionais

As repercussões não se limitam a cada país individualmente. A instabilidade no Mali, Burkina Faso e Níger afecta directamente os países vizinhos, criando crises humanitárias transfronteiriças e perturbando o comércio. A AES, formada pelos três países, surgiu como uma resposta à pressão da CEDEAO, com base no artº 4º, alínea p), do Acto Constitutivo da UA¹¹.

A UA, sob liderança do presidente, em exercício, João Lourenço¹², tem procurado actuar na mediação e coordenação de esforços internacionais, diligenciando equilibrar sanções e diálogos diplomáticos. A cooperação entre CEDEAO, UA e parceiros internacionais é essencial para restaurar a estabilidade, implementar políticas de desenvolvimento e reduzir a influência de actores externos para-militares.

Soluções e Perspectivas Estratégicas: A Mediação da União Africana e o Papel de João Lourenço

A instabilidade político-militar no Sahel e na Guiné naturalmente não afecta apenas os países directamente envolvidos; as suas consequências reverberam por toda a África Ocidental e Central, criando desafios significativos para a integração regional e para a estabilidade continental. A CEDEAO, tradicionalmente responsável pela promoção da democracia e da segurança regional, enfrenta uma situação sem precedentes, com três dos seus Estados-membros-chave (Mali, Burkina Faso e Níger) saírem da ORA e criarem um novo organismo pró-regional, o AES.

Como é previsível esta situação implica impactos sociais e económicos regionais substanciais, como já analisámos, pelo que todo o apoio externo, principalmente, continental que possa ajudara diluir esta crítica situação é bem-vinda. Até porque os impactos político-securitários regionais e continentais são substanciais:

a. na União Africana

- Capacidade de mediação: a UA deveria intervir para prevenir a escalada de conflitos transfronteiriços, mas enfrenta limitações logísticas e políticas (Terbaoui, 2022 e O País, 2025);
- Legitimidade institucional: a persistência de governos militares nos Estados-membros, questiona a capacidade da UA de impor os princípios democráticos;
- Coordenação com parceiros internacionais: a UA depende de cooperação com ONU, UE e outras organizações para implementar medidas de paz e segurança eficazes (UN, 2022a e Almeida, 2025).

b. na CEDEAO

A saída de Mali, Burkina Faso e Níger da CEDEAO gerou impactos institucionais e

¹¹ O Acto Constitutivo da União Africana, no seu artº 4º “Princípios”, p) enumera a “Condenação e rejeição de mudanças inconstitucionais de governos”. Cf <https://au.int/sites/default/files/treaties/7758-treaty-0021 - CONSTITUTIVE ACT OF THE AFRICAN UNION P.pdf>, pp: 8

¹² Cf.

estratégicos, como:

- Fragmentação do bloco regional;
- Dificuldades na aplicação de sanções, limitando sua influência;
- Riscos de escalada militar: a divergência de agendas entre AES e CEDEAO aumenta a probabilidade de conflitos fronteiriços e tensiona a estabilidade regional.

c. no G5 Sahel

O G5 Sahel (Pelz, 2017), na altura criado para coordenar a segurança e o desenvolvimento regional, também sofre consequências:

- Redução da eficácia operacional dificultando operações conjuntas de segurança e combate ao terrorismo;
- Risco de duplicação de esforços, já que a AES desenvolve agendas militares próprias, podendo criar sobreposição de comandos e estratégias conflitantes;
- Fragilização da cooperação internacional, porque os *partners* externos, incluindo França, EUA e UE, encontram dificuldades em alinhar programas de assistência e segurança regional (Almeida, 2025).

A crise político-militar na região em estudo, apresenta desafios complexos que exigem soluções integradas, articulando diplomacia, segurança, desenvolvimento e direitos humanos. Tentar-se-á detalhar as estratégias possíveis, seja a actuação da UA e da CEDEAO, como o papel específico do presidente angolano João Lourenço, enquanto presidente em exercício da UA, na mediação e estabilização regional.

A liderança de João Lourenço é estratégica. Como presidente em exercício, ele possui legitimidade para:

- Convocar e presidir reuniões de alto nível com os governos militares;
- Facilitar negociações inclusivas, garantindo que todas as partes interessadas (AES, CEDEAO, ONU, UE) sejam ouvidas (Mishra, 2021; Caculo, 2025; Almeida, 2025 e Press Reader, 2025);
- Supervisionar a implementação de acordos de transição política, incluindo garantias de segurança e observação eleitoral;
- Articular assistência internacional, coordenando com agências como UNHCR–Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados, UNODC–Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime e BAfD–Banco Africano de Desenvolvimento para apoiar a população afectada.

E a actuação de Lourenço não se tem limitado à mediação formal, desde que assumiu o cargo de mediador, em Julho de 2024, e que continuou a assumi-lo após ser eleito presidente em exercício da UA (Chiluvia, 2024). Ele também tem procurado exercer influência simbólica, reforçando a legitimidade da UA como actor continental capaz de resolver crises sem intervenção externa directa (Africa Press, 2025). A sua actividade leva a procurar ter impacto directo sobre:

- A segurança regional, reduzindo riscos de conflitos trans-fronteiriços (Almeida, 2016: 129-138);
- A economia, visando garantir a estabilidade que permita continuidade de comércio e investimento (UN News, 2025);

- A sociedade, promovendo coesão social e protecção de populações vulneráveis (UN News, 2025);
- A legitimidade institucional, procurando fortalecer a UA como actor principal na resolução de crises africanas (Caculo, 2025).

A liderança diplomática, combinada com capacidade de mediação estratégica, colocam Angola e João Lourenço como factores determinantes na restauração da estabilidade e na prevenção de futuras crises.

Conclusão

A análise detalhada das crises político-militares nos países do Sahel – Mali, Burkina Faso, Níger – e na Guiné revela um cenário complexo de instabilidade que se manifesta em múltiplas dimensões: política, económica, social e de segurança. A sucessão de *Coups d'état* nestes países evidencia não apenas fragilidades institucionais e governamentais, mas também a crescente influência de actores externos, particularmente grupos para-militares, com apoio de potências estrangeiras, como os russos do *Africa Corps*. Estes grupos têm desempenhado um papel directo e indirecto na consolidação de regimes militares, na logística de segurança e na política local, provocando tanto tensões internas quanto desconfiança das populações.

A formação da Aliança dos Estados do Sahel (AES) marca uma ruptura significativa nas estruturas regionais de governança. A AES surge como uma resposta conjunta dos Estados sob regimes militares, destacando-se não apenas por sua autonomia frente à CEDEAO, mas também por delinear agendas militares e de segurança próprias, muitas vezes divergentes das prioridades de integração regional. Este fenómeno gera impactos profundos sobre a UA e demais organizações regionais, desafiando mecanismos tradicionais de mediação, coordenação e resolução de conflitos.

Os impactos sobre a UA são multifacetados. Primeiramente, há uma pressão directa sobre sua capacidade de mediação e diplomacia, exigindo esforços contínuos para intermediar acordos de paz e garantir que os princípios democráticos e de respeito à Carta Africana da Democracia sejam preservados. Em segundo lugar, a UA enfrenta desafios de legitimidade institucional, uma vez que a permanência prolongada de governos militares questiona a eficácia das normas continentais e compromete sua autoridade. Adicionalmente, a cooperação com parceiros internacionais, incluindo ONU, União Europeia e Estados Unidos, torna-se imprescindível para viabilizar ações de paz, segurança e desenvolvimento, mas também cria dependência que limita a autonomia africana⁴.

A CEDEAO sofre directamente com a saída de Mali, Burkina Faso e Níger. Essa saída compromete a coesão do bloco, prejudica projetos de integração económica e limita a eficácia de medidas coercitivas e diplomáticas. A divergência de agendas entre AES e CEDEAO aumenta os riscos de conflitos transfronteiriços, ao mesmo tempo em que enfraquece a capacidade de implementação de políticas comuns. O G5-Sahel, por sua vez, enfrenta desafios operacionais e estratégicos, pois, a ausência de três de seus membros centrais, prejudica a coordenação de acções militares conjuntas, abre espaço para duplicação de esforços e reduz a eficácia de programas de segurança e de combate ao terrorismo.

No plano económico e social, a instabilidade prolongada impacta negativamente o investimento estrangeiro, o comércio regional e os programas de infra-estrutura e desenvolvimento social. Populações civis enfrentam deslocamentos internos, insegurança alimentar e dificuldade de acesso a serviços básicos, sobrecarregando Estados vizinhos e organismos humanitários. Estes efeitos reforçam a necessidade de estratégias regionais integradas, capazes de mitigar os danos à população e preservar a estabilidade económica e social.

O papel do presidente João Lourenço, na qualidade de presidente em exercício da UA, surge como um elemento-chave para a mitigação destes impactos. A sua actuação em processos de mediação diplomática entre AES, CEDEAO, bem como a coordenação de esforços humanitários e

de desenvolvimento, pode ser decisiva para restaurar a confiança entre os Estados, reforçar a legitimidade da UA e consolidar mecanismos de governação africana (Almeida, 2025: 58-59), tendo em conta os princípios que norteiam tanto a Arquitectura de Paz e Segurança Africana como o Conselho de Paz e Segurança da União Africana (CPS-UA) (Almeida, 2016: 132-137).

O futuro da região apresenta múltiplos cenários. Num cenário optimista, a AES negociaria uma reintegração parcial à CEDEAO, com vista a restauração gradual de governos civis e fortalecendo a cooperação regional, o que parece cada vez mais difícil. Num cenário intermediário, os conflitos persistem, mas acordos humanitários e de segurança limitariam os impactos trans-fronteiriços. No cenário pessimista, a fragmentação da UA e da CEDEAO se intensifica, a influência de actores para-militares aumenta e as crises humanitárias prolongar-se-ão.

Em síntese, as crises político-militares nos três países do Sahel e na Guiné demonstram que a estabilidade do continente africano depende de ações coordenadas, estratégias de mediação eficazes e liderança política comprometida. A UA, em conjunto com organizações regionais e *partners* internacionais, deve fortalecer sua capacidade de intervenção, consolidar mecanismos de governação e assegurar que os princípios de paz, segurança e integração sejam efectivamente respeitados, conforme dispõe o artº 4º do Acto Constitutivo da UA. A liderança estratégica de João Lourenço, aliada a políticas de mediação, incentivos económicos e cooperação multilateral, constitui um elemento decisivo para que a África consiga enfrentar os desafios actuais e prevenir crises futuras, promovendo uma estabilidade duradoura e sustentável.

Referências Bibliográficas

- African Union. (2019, June.27). African Charter on Democracy, Elections and Governance. *African Union*. <https://au.int/en/treaties/african-charter-democracy-elections-and-governance>.
- African Union. *Acto Constitutivo da União Africana*. https://au.int/sites/default/files/treaties/7758-treaty-0021_-_CONSTITUTIVE_ACT_OF_THE_AFRICAN_UNION_P.pdf
- African Union: Resolução sobre a situação da paz e segurança na região do Sahel – Relatório de 17 Outubro 2019. *Pan-African Parliament*. <https://ghalii.org/akn/aa-au/statement/resolution/pap/2019/5-3-7/por%402019-10-17/source>.
- Almeida, E. (2025), Crises político-militares no Sahel: causas, actores externos e caminhos para a estabilidade. *Figura & Negócios*, (231), 54-59.
- Almeida, E. (2004), *África, Trajectos Políticos, Religiosos e Culturais*. Azeitão, Autonomia 27.
- Almeida, E. (2016), O Papel Da União Africana Na Segurança Em África: Do Mar Mediterrâneo Ao Cabo. *Proelium*, 10(7) 129-149. <https://revistas.rcaap.pt/proelium/article/view/8918>.
- Bobin, F. & LeCam, M. (2023, 15. décembre). Africa Corps, le nouveau label de la présence russe au Sahel. *Le Monde*. https://www.lemonde.fr/afrique/article/2023/12/15/africa-corps-le-nouveau-label-de-la-presence-russe-au-sahel_6205937_3212.html.
- Branco, C. (2024). “Cimeira da Aliança dos Estados do Sahel esboça nova ordem regional”. *RFI*. <https://www.rfi.fr/pt/%C3%A1frica/20240706-cimeira-da-alian%C3%A7a-dos-estados-do-sahel-esbo%C3%A7a-nova-ordem-regional>.
- Bryjka F. & Czerep, J. (2024, May). Africa Corps – A new iteration of Russia’s old military presence in Africa. *The Polish Institute of International Affairs*. https://www.pism.pl/webroot/upload/files/Raport/PISM%20Report%20Africa%20Corps_.pdf.
- Caculo P. (2025, 12 de Outubro). Órgão de Paz e Segurança da UA-EU: Analisada situação actual no Sahel e Grandes Lagos. *Jornal de Angola*.

- Chiluvia, Q. (2024, 9 de Julho). João Lourenço vai aceitar convite para mediar conflito no Sahel, afirma especialista. *Correio da Kianda*. <https://correiokianda.info/joao-lourenco-vai-aceitar-convite-para-mediar-conflito-no-sahel-afirma-especialista/>.
- Conselho de Segurança da União Africana aborda situação na região do Sahel. *O País*, 01 de Outubro de 2025.
- Edds-Reitman, M. & Boakye, R.Y. (2024, October 24). Sahel Coup Regime's Split from ECOWAS Risks Instability in Coastal West Africa. *United States Institute of Peace*. <https://www.usip.org/publications/2024/10/sahel-coup-regimes-split-ecowas-risks-instability-coastal-west-africa>.
- Equere, O. (2025, January 22). A Region Gripped by Coups. *Africa Defense Forum*. <https://adf-magazine.com/2025/01/a-region-gripped-by-coups/>.
- Español, M. & Naranjo, J. (2021, October 30) Seis golpes de Estado este ano: a epidemia 'putschista' que varre a África. *El País*. <https://brasil.elpais.com/internacional/2021-10-30/seis-golpes-de-estado-este-ano-a-epidemia-putschista-que-varre-a-africa.html>.
- Fairclough, N. (2003). *Analysing Discourse: Textual Analysis for Social Research*. London. Routledge.
- Fomekong, S.T. (2022, April 13). Why communities hosting internally displaced persons in the Sahel need stronger and more effective legal protection. *Cambridge University Press*. <https://www.cambridge.org/core/journals/international-review-of-the-red-cross/article/abs/why-communities-hosting-internally-displaced-persons-in-the-sahel-need-stronger-and-more-effective-legal-protection/530C02330157443EFF2DFFD324AC1261>.
- Gemayel, E. et al. (202; May, 5). Laying the Ground for Scaling up Climate Finance in Sub-Saharan Africa. *IMF Working Paper-African Departmen*. <https://www.imf.org/-/media/Files/Publications/WP/2025/English/wpiea2025099-print-pdf.ashx>.
- George, L & Jones, M. (2023, September 21). Counting the cost of contagion fears from Africa coups. *Reuters*. <https://www.reuters.com/world/africa/counting-cost-contagion-fears-africa-coups-2023-09-21/>.
- Glenn A. (2009, August 3) "Document Analysis as a Qualitative Research Method", *Qualitative Research Journal*, *Qualitative Research Journal*, 9 (2), 27-40. <https://doi.org/10.3316/QRJ0902027>.
- Mali, a Coup within a Coup. *International Crises Group (ICG)*, 2021, May 27. <https://www.crisisgroup.org/africa/mali/mali-coup-within-coup>.
- Mali: Atrocities by the Army and Wagner Group. *Human Rights Watch (HRW)*, December 12, 2024. <https://www.hrw.org/news/2024/12/12/mali-atrocities-army-and-wagner-group>.
- Matos, I. (2023). Cetro, Coroas e Tronos Invisíveis. A Colonialidade como força motriz aos Golpes de Estado na região do Sahel entre 2020 e 2023 (Curso de Graduação em Bacharel de Relações Internacionais da Universidade do Sul de Santa Catarina. Repositório Unisul. <https://repositorio-api.animaeducacao.com.br/server/api/core/bitstreams/6434cea1-1a47-4574-94fb-2cf1c4539423/content>.
- Mishra, V. (2021, September 21). UN, AU and EU leaders pledge joint push for peace and development in Africa. *UN News*. <https://news.un.org/en/story/2025/09/1165905>.
- Mougin, S. (2023, 14 de Agosto). Niger's coup leaders to prosecute deposed President Bazoum for treason. *France-24*. <https://www.france24.com/en/video/20230814-niger-s-coup-leaders-to-prosecute-deposed-president-bazoum-for-treason>.

- Neto, I. (2025, 14 de Setembro). “O colapso dos mercenários”: retirada do Grupo Wagner no Mali abriu portas ao Africa Corps. *Público*. <https://www.publico.pt/2025/09/14/mundo/noticia/colapso-mercenarios-retirada-grupo-wagner-mali-abriu-portas-africa-corps-2146865>.
- Pelz, D. (2017, 8 de Fevereiro). G5 Sahel quer criar força transnacional contra o terrorismo. *DW*. <https://www.dw.com/pt-002/g5-sahel-quer-criar-for%C3%A7a-transnacional-de-combate-ao-terrorismo/a-37451335>.
- President João Lourenço Reaffirms Angola’s Contribution to Peace. *Africa-Press*, 2025-09-26. <https://www.africa-press.net/angola/all-news/president-joao-lourenco-reaffirms-angolas-contribution-to-peace>.
- Princewill, N. (2025, 25 de Agosto). Rússia está a substituir um grupo paramilitar implacável por uma réplica africana que pode controlar. Qual é o plano de Putin? *CNN*. <https://cnnportugal.iol.pt/africa/russia/putin-fez-um-rebranding-do-grupo-wagner-objetivo-ter-menos-riscos-legais-e-reputacionais/20250825/68ac493bd34e3f0baea1f512>.
- Rotaru, M. (2023, Fevereiro). A geopolítica do Sahel: Terrorismo e Conflitos Securitários no Mali e no Chade (Dissertação de Mestrado em Ciências Políticas e Relações Internacionais especialização em Relações Internacionais). Repositório da Universidade Nova de Lisboa. <https://run.unl.pt/bitstream/10362/155801/1/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Mestrado%20Mihaela%20Rotaruvers%C3%A3o%20corrigida%20e%20melhorada%20ap%C3%B3s%20defesa%20p%C3%ABlica.pdf>
- Rugwe, N. (2025). The Future of Governance in the Sahel. *UNDP Report*, 2025. https://www.undp.org/sites/g/files/zskgke326/files/2025-08/the_future_of_governance_en.pdf
- Russia’s Africa Corps: Wagner’s Successor in Africa (2022–2025). *Robert Lansing Institute*, September 30, 2025. <https://lansinginstitute.org/2025/09/30/russias-africa-corps-wagners-successor-in-africa-2022-2025/>.
- Sedgwick, M. (2022, October 4). Why has Burkina Faso had two coups in a year?. *BBC*. <https://www.bbc.com/news/world-africa-63131095>.
- Soudan, F. (2021, September 9). Guinea: The secret story behind the fall of President Alpha Condé. *Jeune Afrique*. <https://www.theafricareport.com/125796/guinea-the-secret-story-surrounding-the-fall-of-president-alpha-conde/>.
- Sousa-Galito, M. (2025). Insegurança e Terrorismo na Região do Sahel (Working Paper CEsA CSG 204/2025, Centro de Estudos sobre África e Desenvolvimento, do ISEG-Universidade de Lisboa). Repositório ULisboa. <https://repositorio.ulisboa.pt/bitstream/10400.5/102010/1/WP%20204-2025.pdf>.
- Terbaoui, Z. (2022). Le rôle de l’Union africaine dans la résolution des conflits : quelques études de cas. *Revue Algérienne des Sciences Juridiques et Politique*, 59(3), 31-49. <https://www.asjp.cerist.dz/en/downArticle/32/59/3/201376>.
- Téte António defende abordagem global contra o terrorismo no Sahel. *Press Reader*, 01.out.2025. <https://www.pressreader.com/angola/jornal-de-angola/20251001/281638196387439>.
- Thurston, A. (2020) “*Jihadists of North Africa and the Sahel*”. Cambridge, Cambridge University Press.
- Thoms, S. (2023, 26 de Junho). Os tentáculos do Grupo Wagner pelo mundo. *DW*. <https://www.dw.com/pt-br/os-tent%C3%A1culos-do-grupo-wagner-pelo-mundo/a-66033321>.
- União Africana analisa situação de paz e segurança na região do Sahel. *Jornal Angola*, 30.Setembro.2025. <https://www.jornaldeangola.ao/noticias/1/pol%C3%ADtica/648360/uni%C3%A3o-africana->

[analisa-situa%C3%A7%C3%A3o-de-paz-e-seguran%C3%A7a-na-regi%C3%A3o-do-sahel-](#)

United Nations (UN). (2025, 24 de Setembro). Angola defende multilateralismo e ação conjunta na Assembleia Geral da ONU. *UN News*. <https://news.un.org/pt/story/2025/09/1851073>.

United Nations (UN). (2022b). Anticipatory actions for food security in the Sahel: FAO, CIL SS and their partners share their experiences. *FAO*, 19/10/2022. <https://www.fao.org/africa/news-stories/news-detail/Anticipatory-actions-for-food-security-in-the-Sahel-FAO-CILSS-and-their-partners-share-their-experiences/en>.

United Nations (UN). (2022a). Cooperation between the United Nations and Regional Organizations. *United Nations-Repertoire of the Practice of the Security Council* https://main.un.org/securitycouncil/sites/default/files/part_i_2022_cooperation_ro_0.pdf

Uvere, I.E. & Onyendi, C.N. (2025). Mediation and conflict resolution: President Tinubu's approach to ECOWAs crises. *Journal of Psychology, Sociology, History and International Studies* 1(1). <https://nigerianjournalonline.org/index.php/JPSHIS/article/view/145/129>.

Yin, R. (2018). *Case Study Research and Applications: Design and Methods*. Thousand Oaks (CA), Sage Publications, Inc. <https://ebooks.umu.ac.ug/librarian/books-file/Case%20Study%20Research%20and%20Applications.pdf>.

Mapas e Gráficos

Boudali, L. (2007, April). The GSPC: Newest Franchise in al-Qa'ida's Global Jihad. The Combating Terrorism Center United States Military Academy. https://ctc.westpoint.edu/wp-content/uploads/2010/06/Kennedy_GSPC_041207_update.pdf.

Foucher, V. (2024, September). Boko Haram: Mapping an Evolving Armed Constellation. *MEAC-UNIDIR*, Geneva. https://unidir.org/wp-content/uploads/2024/09/UNIDIR_Boko-Haram_Mapping_an_Evolving_Armed_Constellation.pdf.

Grupos Militantes Islâmicos em África mantêm um Elevado Nível de Letalidade. *Africa Center for Strategic Studies* (ACSS), 10 de março de 2025, <https://africacenter.org/pt-pt/spotlight/mig2025-02pt/>

Islamic State West Africa Province (ISWAP). *UN-SC Report*, 23 February 2020. https://main.un.org/securitycouncil/en/content/islamic-state-west-africa-province-iswap-0?utm_source=chatgpt.com.

On the Death of ISIS-GS Leader Adnan Abu Walid Al-Sahrawi. *US Embassy Tbilisi Report*, September 17, 2021. <https://ge.usembassy.gov/on-the-death-of-isis-gs-leader-adnan-abu-walid-al-sahrawi/>.

Terrorist Groups. US National Counterterrorism Center (NCTC). https://www.dni.gov/nctc/terrorist_groups.html.

Terrorist Groups: Ansar Al-Sharia. US National Counterterrorism Center (NCTC). https://www.dni.gov/nctc/groups/ansar_al_sharia.html

The Organization of al-Qaida in the Islamic Maghreb. *UN-SC Report*, 14 November 2023. https://main.un.org/securitycouncil/en/sanctions/1267/aq_sanctions_list/summaries/entity/the-organization-of-al-qaida-in-the-islamic.

Weiss, C. et al. (2023). Fatal Transaction: The Funding Behind the Islamic State's Central Africa Province (Program on Extremism at George Washington University). Repository GWU. <https://extremism.gwu.edu/sites/g/files/zaxdzs5746/files/2023-06/fatal-transaction-final.pdf>.

Ribeiro, R. (2023, 10 agosto). Como a França e a UE têm as mãos sujas no Sahel. *Contacto Luxembourg*. <https://www.contacto.lu/mundo/como-a-franca-e-a-ue-tem-as-maos-sujas-no-sahel/2418551.html>

León; L. (2025, 25 de Maio). Entenda a transformação do Sahel Africano: Mali, Burkina Faso e Níger. Agência Brasil, 25/05/2025. <https://agenciabrasil.ebc.com.br/internacional/noticia/2025-05/entenda-transformacao-do-sahel-africano-mali-burkina-faso-e-niger>

*Eugénio Costa Almeida^{1, 2, 3, 4, a, b}

¹. Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE-IUL), Lisboa, Portugal.

². Investigador Colaborador do Centro Estudos Internacionais do ISCTE-IUL (CEI-IUL);

³. Investigador associado do Centro de Investigação Desenvolvimento e Inovação da Academia Militar, Academia Militar, Instituto Universitário Militar, Rua Gomes Freire, 1169-203, Lisboa, Portugal;

⁴. Doutorado em Ciências Sociais, especialidade de Relações Internacionais, (ISCSP-UTL).

^a. ORCID: 0000-0002-1259-5764

^b. email: eugenio.luis.almeida@iscte-iul.pt e elcalmeida@gmail.com